

Candidato cria partido eletrônico

Num país onde a credibilidade dos partidos está tão arranhada quanto a dos políticos, o candidato Fernando Collor de Mello não teve dúvidas: está criando um verdadeiro partido eletrônico, utilizando com eficácia a telemática e um fantástico centro de processamento de dados no subsolo de um prédio comercial na Asa Norte. Com uma vantagem adicional: é mais ágil e não tem dissidências.

O PMDB, com sua gigantesca máquina partidária, ainda não conseguiu mobilizá-lo. A estrutura de transmissão de informações dentro do partido é lenta, burocrática e desconhece totalmente os avanços tecnológicos das últimas décadas.

Com máquinas partidárias menores, mas com muito mais agilidade, alguns partidos apostam na sua militância para um bom desempenho na sucessão presidencial. É o caso, por exemplo, do PT e do PCB, organizados em núcleos e bases com um processo permanente.

O Movimento Nacional Leonel

Brizola recorre a computadores para contactar seus filiados em todo o País — cerca de 100 mil —, transmitir-lhes informações da campanha do ex-governador Leonel Brizola e motivá-los para ir às ruas. Nesses partidos, as campanhas são muito descentralizadas, com material de propaganda e slogans produzidos, muitas vezes, em suas seções regionais.

O Movimento Popular de Reconstrução Nacional, recentemente criado por Collor, não tem militância, estrutura partidária e nem um programa que unifique seus integrantes. Mas encontrou uma fórmula criativa para compensar essas carências: através de telefone, está sendo montado o partido eletrônico. Numa sala na Cap, telefonistas treinadas atendem diariamente centenas de telefonemas, registrando instantaneamente, em terminais de computador, os dados do eleitor de interesse da campanha. Se o eleitor pedir qualquer informação sobre a opinião de Collor nos mais variados temas, a telefonista simplesmente aperta uma te-

cla e lê no vídeo a resposta que deve dar.

Todos os que se oferecem para trabalhar na campanha de Collor vão receber em suas residências um sofisticado kit com diversificado material de campanha. Dentro, um manual bastante detalhado descrevendo a tipologia, as dimensões e as cores para a produção de camisetas, adesivos, chaveiros, placas, cartazes, faixas de rua e estandartes, chapéus, viseiras e balões. Quem não tem condições de reprodução não fica sem material: recebe em casa um kit simplificado.

Junto ao material, vai uma ficha de inscrição no MPRN. Mais de 20 mil pessoas já a preencheram e a remeteram de volta à sede da entidade. Uma didática e bem elaborada cartilha ensinada detalhadamente como organizar comitês domiciliares, zonais e de bairro. O objetivo da coordenação da campanha de Collor é ambicioso: fundar até as eleições um milhão de comitês domiciliares.